

MANIFESTAÇÕES

Protestos mobilizam policiais militares

Índios foram recebidos por Gilberto Carvalho; Via Campesina destrói estande

Bernardo Moura

ESPECIAL PARA O ESTADO / RIO

Dois protestos, um na zona oeste e outro na região portuária, mobilizaram ontem a Polícia Militar no penúltimo dia da Rio+20. O primeiro teve novamente a participação de índios e, pelo segundo dia consecutivo, a intervenção do ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência, Gilberto Carvalho. O outro, envolvendo líderes de movimentos sociais, ter-

minou em violência.

O estande AgroBrasil, instalado pela Confederação Nacional de Agricultura (CNA) no Pier Mauá, no centro do Rio, foi parcialmente depredado ontem por cerca de 200 manifestantes ligados ao movimento Via Campesina, que reúne pequenos agricultores de vários países.

Os ativistas ingressaram no espaço como visitantes, mas passaram a espalhar tinta vermelha em uma maquete, pichar pare-

des e espalhar cartazes em protesto a favor da reforma agrária e contra o uso de agrotóxicos e o modelo de agronegócio proposto pelo governo federal.

Seguranças do estande e policiais militares foram acionados para conter a ação. O espaço foi fechado e permaneceu assim pelo resto do dia.

Os manifestantes, que participam da Cúpula dos Povos, se concentraram em frente à Igreja da Candelária e seguiram pela Avenida Rio Branco rumo à Zona Portuária, onde fica o estande. Cerca de 3 mil pessoas participaram da marcha, segundo os organizadores do ato, e se reuniram com manifestantes que já aguardavam dentro do estande.

O líder do movimento, Paulo Tarso, disse que a proposta era denunciar as falsas soluções que o governo propôs a respeito da economia verde.

“O agronegócio é um modelo perverso que prioriza o uso intensivo de agrotóxicos”, disse. Uma maquete que retratava a preservação permanente das propriedades rurais e a agricultura de baixo carbono foi a mais atingida por pichações.

Nelson Ananias trabalhava no estande na hora do protesto: “Eram pessoas que ficavam gritando palavras de ordem. Acionamos a segurança, mas eles saíram pacificamente”, disse.

Bandeiras. Em nota, a assessoria da Polícia Militar informou que a confusão começou quando integrantes do Movimento dos Trabalhadores sem Terra (MST) pararam na entrada do Pier Mauá. Segundo a PM, o protesto começou do lado de fora, com queima de bandeiras, mas pessoas que estavam dentro do estande da CNA aderiram e passaram a se manifestar.

Pedras e sapatos foram atirados contra os policiais que tentavam impedir a entrada dos integrantes do MST no estande. O Batalhão de Choque chegou a ser chamado, mas quando chegou ao local a situação já estava controlada. Segundo a PM, não houve feridos nem presos.

Também em nota, a senadora Kátia Abreu (PSD-TO), presidente da CNA, repudiou o ato: “A CNA considera inaceitável que manifestações antidemocráticas como estas ainda tenham lugar em um evento como a Rio+20, onde os povos e as nações buscam o entendimento e a



MARCOS ARCOVERDE/AE

Rotina. Índios interditaram vias na Barra da Tijuca em protesto que reuniu 400 pessoas

convergência para um mundo melhor, sempre respeitando a diversidade de ideias”.

Índios. Mais cedo, na Avenida Salvador Allende, na Barra da Tijuca, na zona oeste, um grupo de 400 índios da aldeia Kari-Oca foi protestar no Riocentro, onde está ocorrendo a reunião de cúpula da Rio+20.

• Manifestações

400

índios da aldeia Kari-Oca foram ontem protestar no Riocentro

3 mil

marcharam no centro do Rio

A pedido do Comando Militar do Leste, a avenida foi interditada em dois trechos. Às 13 horas, a via foi liberada para o tráfego. Os indígenas não conseguiram passar pelo bloqueio de segurança, mas foram recebidos pelo secretário-geral da Presidência da República, Gilberto Carvalho, a quem entregaram um documento com várias reivindicações.



TASSO MARCELO/AE

Depredação. Manchete pichada em espaço de ruralistas

Diversão

RESTAURANTES E BOATES FERVILHAM APÓS EVENTOS

De comitivas com forte esquema de segurança que vão a restaurantes luxuosos a indígenas que ficam em botecos, há opções noturnas para todos

Clarissa Thomé / RIO

Nem só de debates áridos e negociações difíceis é feita a Rio+20. Encerrados os trabalhos nas salas de reuniões do Riocentro e as atividades da Cúpula dos Povos, os visitantes se espalham pela cidade em busca de diversão. E tem espaço para todos – das comitivas protegidas por batedores da Polícia Rodoviária Federal, que se dirigem aos restaurantes mais luxuosos, aos indígenas, que elegeram como point um boteco a 200 metros do Sambódromo, onde estão acampados.

Na noite de quarta-feira, mais de 50 deles cercavam a televisão para acompanhar a partida entre Corinthians e Santos. Nas mesas, dezenas de garrafas de cerveja. Vibraram com o gol de Neymar, mas não gostaram da aproximação dos repórteres do Estado. “Vaza daqui. Não tem nada para vocês fotografarem aqui”, gritou um deles. Dois deles acompanharam os repórteres para garantir que seguiriam em direção ao carro. “Eles bebem bem e nem têm ressaca. De manhã, sai todo

mundo cedo para o Aterro”, comentou um vendedor ambulante, que levou um isopor com cervejas para a frente do bar.

Perto dali, o grupo Boemia Carioca embalava com sambas de Chico Buarque, Paulinho da Viola e Nelson Cavaquinho a noite no Rio Scenarium, misto de bar e antiquário que ganhou fama, na

Lapa. Era fácil perceber quem tinha saído do Riocentro: os homens vestiam camisas sociais ou ternos. Muitos tinham o crachá pendurado no pescoço.

Poucos estrangeiros se arriscavam na pista de dança. Os menos tímidos só balançavam os ombros. Chamava a atenção a performance do músico e ativista ecológico Tetra Tanizaki, vice-presidente da ONG Earth Summit 2012 Japan. Dançava desengonçadamente e, ao mesmo tempo, fazia fotos com um tripé.

“O mais importante da Rio+20 são as pessoas. Todos unidos por um futuro melhor”, dizia, entre goles de caipirinha, mostrando fotos que fez de todas as manifestações que acompanhou. Quando não estava dançando, Tanizaki postava as fotos do Rio Scenarium no Facebook. “Música ao vivo para dançar no Brasil: palatável”, comentou.

A taiwanesa Annie Lee tinha viagem marcada para a noite de quarta, mas antes fez questão de conhecer a Lapa, após quatro dias no Rio para o lançamento do filme *Planet Ocean*. Só reclamou de que “são muito poucos os que falam inglês”.

Se à Lapa os estrangeiros chegavam em táxis ou vans, geralmente em grupos, em alguns lu-



FOTOS WILTON JUNIOR/AE

‘Música palatável.’ O japonês Tetra Tanizaki postou fotos



Na Lapa. A taiwanesa Annie Lee (esq.) quis conhecer o local

gares a movimentação das comitivas chamou a atenção dos frequentadores. Foi o caso da delegação da Hungria, que se reuniu para jantar na churrascaria Porcão Rios, no Aterro do Flamengo, com batedores e sirenes liga-

das, além de seguranças particulares.

Já os franceses foram mais discretos: escolheram o La Fiorentina, no Leme, na zona sul. Chegaram sem alarde, jantaram cedo e saíram logo depois.

Programas. Em Copacabana, o Balcony, bar que ganhou fama por se tornar referência para as garotas de programa, depois do fechamento da Help, ficou cheio a noite toda. Mas as meninas reclamavam que a noite estava fraca. “Só tem indiano, africano, todos sem dinheiro. Bom é alemão, que não fica pedindo desconto”, disse uma jovem.

As moças ficam concentradas – com seus minivestidos, apesar da chuva fina e da noite fria – no espaço entre o balcão e uma área coberta, onde estão as mesas. Todas ocupadas. O clima é de paquera.

“Senti que rolou uma liga com o gringo ali. Mas ele não pode sair hoje. Está esperando o chefe, que está lá dentro”, diz uma garota, enquanto aponta a boate Dolce Vita, colada ao Balcony. Ela veio de Minas só para a “riovinte”, mas acha que não valeu a pena. “Os americanos não apareceram”. Podem estar seguindo a recomendação do seu governo – em viagem a Bogotá, na Colômbia, integrantes do Serviço Secreto se envolveram em briga com prostitutas e foram mandados de volta para os Estados Unidos.

Além das boates e restaurantes, visitantes experimentaram um típico programa carioca: o futebol no fim de noite. O presidente da Bolívia Evo Morales jogou antontem três partidas de 20 minutos cada uma. Num time formado de seguranças e assessores, marcou gols nas duas primeiras partidas, contra bolivianos que vivem no Rio.